

As Percepções dos Representantes da Sociedade Civil Organizada sobre as Lideranças Políticas

Reinaldo Ferreira Cabral
reinaldo@reinaldocabral.com.br
FNH

Adriane Vieira
vadri.bh@gmail.com
UFMG

Fernando Coutinho Garcia
fernando.garcia@unihorizontes.br
FNH

Resumo:RESUMO O presente artigo traz um resgate da história política do Brasil desde o descobrimento até a eleição da primeira mulher presidenta no ano de 2011. Trata-se um trabalho teórico-empírico, cujo método utilizado foi o estudo de caso com representantes da sociedade civil organizada das cidades pertencentes a zona da mata de Minas Gerais. Envolveu também uma análise das quatro últimas gerações de adultos, que o pesquisador adequou à realidade brasileira classificando como: Geração Tradicionalista, nascidos entre 1923 e 1942, Geração Tempos de Chumbo, nascidos entre 1943 e 1964, Geração Caras Pintadas, nascidos entre 1965 e 1981 e Geração Y, os que compartilham nascimento a partir de 1982. Foram entrevistados dezesseis representantes da sociedade civil organizada, sendo quatro de cada geração. Essas entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo. Os resultados permitem concluir que a Geração Tradicionalista participou e ainda participa ativamente da vida política da cidade e conhece bem seus líderes políticos. A Geração Tempos de Chumbo é uma geração aguerrida, pois ainda traz o perfil da contestação da ditadura militar. A Geração Caras Pintadas herdou a capacidade de contestação da geração anterior, porém, com uma capacidade educacional e tecnológica maior. Essa geração traz muitas inovações no perfil da liderança política, pois assimilou facilmente as mudanças globais. A Geração Y demonstrou desmotivação para com os líderes políticos. É guiada por ações individualistas que não priorizam as comunidades.

Palavras Chave: Liderança - Política - Valores - Gerações -

1 INTRODUÇÃO

O estudo do papel e da atuação das lideranças nas sociedades é relevante, pois elas são responsáveis pela construção e continuidade de suas histórias. Líderes estabelecem objetivos a serem atingidos e conseguem reunir forças e recursos para obterem êxito na sua consecução. Nesse trabalho, procurou-se compreender a percepção dos eleitores, representantes da sociedade civil organizada, sobre a atuação de lideranças políticas regionais de suas cidades e estado.

Como a percepção de cada pessoa pode estar ligada ao nível cultural, ao meio em que vive e também à geração a que pertence, à semelhança de Pereira (2005), o presente estudo levou em consideração a percepção de três diferentes gerações de eleitores: Geração Silenciosa, Geração *Baby Boomer* e Geração X, conforme proposto por Conger (2002), e Geração Y, conforme proposto por (OLIVEIRA, 2009).

Conger (2002) e Oliveira (2009) categorizam as quatro últimas gerações de adultos através de distinções bastante peculiares quanto ao imaginário, ao histórico de vida, ao momento social em que vivem ou viveram, e quanto à concepção acerca da relação com a autoridade. Cada uma dessas gerações segue a cronologia e a classificação propostas pelos autores: Geração Silenciosa, nascida entre 1923 e 1942; Geração *Baby Boomer*, composta pelos que partilham o nascimento entre os anos de 1943 e 1964; a Geração X, que compreende o período entre 1965 e 1981; e, por fim, a Geração Y, que compreende os nascidos a partir de 1982 (PEREIRA, 2005).

A Geração Silenciosa viveu em tempos de grande abundância. Esses anos foram chamados de anos dourados. Os componentes dessa geração gozaram de muita lealdade por parte das organizações. Isso deve ter acontecido possivelmente pelo fato de o mercado de trabalho não estar tão concorrido e não haver o desenvolvimento de novas tecnologias, que, em gerações posteriores, possibilitaram a diminuição de postos de trabalho. Os componentes desse grupo de pessoas viveram tempos de tranquilidade em relação à estabilidade no emprego. Na realidade brasileira, podem-se encontrar momentos de grandes transformações políticas vividas por essa geração. Uma melhor nomenclatura, na realidade brasileira, foi chamá-la de Geração Tradicionalista.

A Geração *Baby Boomer*, conseqüentemente, não encontrou um mercado de trabalho com tantas possibilidades que pudessem proporcionar tranquilidade e estabilidade. Essas pessoas começaram a vivenciar uma nova realidade no mercado de trabalho, mas ainda tiveram boas possibilidades de ascensão profissional. Esses mesmos sujeitos, além de uma nova realidade no trabalho, viveram tempos de grandes modificações no cenário da liderança política nacional. Essa geração viveu os chamados “tempos de chumbo”. Tiveram de vivenciar um golpe de estado por parte das lideranças militares e viveram uma grande unidade quando se dispuseram a lutar para que o regime democrático fosse instalado no Brasil. Esse assunto será retomado mais adiante, porém há que se antecipar que uma identidade possível para essa geração, no cenário nacional brasileiro, e que possibilitará o engrandecimento deste trabalho, foi chamá-la de “Geração Tempos de Chumbo” (DREIFUSS, 1981).

Em seguida, surgem no cenário os componentes da Geração X. Estes encontraram um mercado de trabalho muito mais competitivo, em função do avanço das novas tecnologias. Nesse cenário, a Geração X presenciou a mudança da estrutura familiar, porque as mulheres

avançaram na conquista de espaço no mercado de trabalho. Essa novidade em relação ao mercado de trabalho fez com que a mulher deixasse de viver exclusivamente para a criação dos filhos e passasse a colaborar com o orçamento familiar (CONGER, 2002).

Nesse contexto, os representantes da Geração X viram a estrutura familiar ser abalada, pois, o número de separações entre casais aumentou de forma significativa. No campo da política, essa geração presenciou, ao lado das gerações anteriores, a redemocratização do Brasil (fim do regime militar. À exemplo da Geração *Baby Boomer*, que havia lutado contra o regime militar, essa geração foi às ruas reivindicando transparência nas ações políticas. Muitos jovens pintaram suas caras com as cores da bandeira brasileira (verde, amarelo, azul e branca) e fizeram grandes manifestações em todo território nacional, culminando com o *impeachment* do então presidente da República Fernando Collor de Mello. Por esse motivo ficaram conhecidos como a “Geração Caras Pintadas”.

A Geração Y nasceu em um período de aceleração da informatização da sociedade em um mercado de trabalho ainda mais competitivo. Essa nova geração detém muita informação, principalmente pela facilidade do acesso à internet e também por controlar muitas ferramentas desse sistema totalmente interligado. Essa nova geração ainda não participou de um grande acontecimento no cenário político brasileiro, o qual pudesse lhe caracterizar (OLIVEIRA, 2009).

Ao se adotar a perspectiva geracional, portanto, busca-se o entendimento sobre as mudanças comportamentais que acontecem à medida que uma nova geração se estabelece, bem como os impactos causados pela sua inserção. A história tem mostrado a importância das gerações ascendentes em relação às gerações descendentes.

Conforme já observado, os seres humanos estão em constante evolução, o que obriga o aprimoramento dos líderes, pois não é possível liderar uma nova geração como se liderava as anteriores. O líder contemporâneo é cada vez mais exigido em todos os aspectos, seja comportamental, relacional ou do conhecimento. Os novos líderes precisam estar em constante aprendizado e precisam ter na liderança a condição de transformação das pessoas e das sociedades. Para se caminhar em contínua transformação, é preciso estar motivado e ter a capacidade de motivar outras pessoas. Nesse sentido, Bergamini (1994, p. 57) afirma que:

Quanto mais se aprofunda o estudo da liderança e da motivação humana, mais se percebe que esses dois temas se cruzam com frequência cada vez maior. Já se está chegando em um momento no qual falar de um assunto implica necessariamente abordar também o outro.

Espera-se que esse trabalho contribua para o entendimento das ações e práticas dos líderes políticos, e também a sua formação do ponto de vista da sociedade civil organizada. O problema de pesquisa que norteou a investigação foi: qual é a percepção dos representantes da sociedade civil organizada sobre o papel, as práticas e a formação das lideranças políticas?

Para responder essa pergunta foi realizado um estudo de caso qualitativo com sujeitos representantes da sociedade civil organizada, escolhidos intencionalmente, nas cidades de Santos Dumont, Ewbank da Câmara e Oliveira Fortes. Essas cidades que ficam localizadas mesorregião da Zona da Mata mineira, fazendo parte da microrregião de Juiz de Fora. A restrição da coleta de dados a elas se deve à facilidade de acesso de um dos pesquisadores que já teve atuação política nessa região.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITOS DE LIDERANÇA

O estudo da liderança conduz a uma necessidade de conceituá-la. Para isso, é preciso encontrar formas adequadas. São vários os conceitos de liderança presentes na literatura, uma vez que liderar é algo muito abrangente. O líder precisa ter a capacidade de reunir pessoas a sua volta, visando a um objetivo comum. É possível considerar os esportes coletivos como exemplo, porque uma equipe pode ter vários jogadores bons ou até mesmo muitos craques na modalidade, mas sempre será necessário que exista alguém (líder) que ajude a equipe a manter os objetivos comuns. A figura do líder ajuda a estabelecer metas e também colabora com a motivação necessária para se atingir esses objetivos. Sem alguém para liderar, corre-se o risco de nunca se atingir os objetivos e, com isso, a vitória poderá não chegar. A liderança é um conjunto de práticas que se pode observar (JORDÃO, 2006).

Nas organizações, sejam públicas ou privadas, há homens e mulheres que atuam com tanta eficiência que são capazes de impulsionar, de movimentar processos, pessoas e ideias. Isso caracteriza a atuação do líder e é nessas ações que ficam evidenciadas a capacidade de distinção e convencimento. Contudo, todas essas ações nascem e são suportadas pela credibilidade, sem a qual o líder terá grandes dificuldades em contar com o respeito de seus liderados (CORTELLA, MUSSAK, 2009).

O entendimento da função de liderança talvez seja uma das principais buscas da sociedade. E por razões óbvias: o destino de uma família, de uma empresa, de uma comunidade ou de um país está diretamente associado à capacidade de sua liderança. Os líderes nas organizações se fortalecem à medida que conseguem reunir forças em busca de uma coesão. Nesse sentido, a princípio, a liderança política também é exercida com maior poder à medida que o líder consegue aglutinar forças em volta de objetivos. O líder político precisa ter a condição de se articular entre as forças colocadas.

2.2 CORRENTES TEÓRICAS DA LIDERANÇA

Na busca de um entendimento adequado e eficaz sobre a liderança, alguns pensadores começaram a classificar algumas formas de pensamentos, o que levou ao surgimento de algumas correntes sobre o assunto. A primeira delas, a Corrente dos Traços, leva em conta e privilegia a personalidade como base para se exercer a liderança. A Teoria dos Traços coloca a liderança como a capacidade de reunir traços em uma combinação de qualidades pessoais do líder. O que essa teoria procura explicitar é que o líder precisa possuir algumas características em sua personalidade, que poderiam ser fatores facilitadores para desenvolver a liderança. Enfatiza as qualidades que estão intrínsecas naqueles que nasceram para liderar. O que está claro no entendimento dessa teoria é que o líder já nasce com as qualidades para liderar. Fica evidenciado que as pessoas não poderiam desenvolver essas características ao longo da vida. A corrente dos traços foi a primeira tentativa bem sucedida de sistematizar o entendimento da liderança, que predominou até a década de 40 do século XX (BERGAMINI, 1994).

Segundo Bergamini (1994, p. 28, 29), até os anos 40 do século XX, a Teoria dos Traços teve uma predominância tal que constituiu a grande tentativa de sistematização bem sucedida:

Enfatizando especialmente as qualidades pessoais do líder. [...] As características dos líderes passam a ser estudadas dentro de uma perspectiva universalista, como elementos em si mesmos, independente da situação e demais variáveis em meio às quais estejam em ação.

Aristóteles, ao afirmar que uns nascem para mandar e outros nascem para obedecer, lançou as bases desse pensamento, conforme aponta Penteado (1978, p. 5,6).

A Liderança é *atributo* que se transfere e relação que se eterniza. [...] A Religião depressa reforçou o líder natural, através dos postulados do Direito Divino. Surgiram os reis, aos quais se deu a prerrogativa de distribuir parcelas de poder entre nobres, sacerdotes e guerreiros. [...] Durante séculos, a Liderança é somente função do indivíduo a quem competem a posição de proeminência e o exercício da influência sobre os grupos humanos. [...] A Revolução Francesa [...], no que tange à Liderança, não fez mais do que reforçar uma concepção estritamente individualista. [...] Ao direito de nascimento sucedeu o velhíssimo direito do mais forte. [...] A liderança continuou sendo a função do líder. [...] A Liderança *atributo* fascina as criaturas. [...] Nasce a Teoria dos Grandes Homens [...] examinando suas biografias, procura a ‘pedra-filosofal’ da Liderança, a qualidade, ou o conjunto de qualidades capazes de fazer de um homem um líder.

Após a ampla expansão da Teoria dos Traços, a partir da década de 40 começaram a surgir outras correntes, como a Comportamental, Contingencial, Situacional e as quatro mais recentes: Teoria da Atribuição de Liderança, Teoria da Liderança Carismática, Liderança Transacional versus Transformacional e Liderança Visionária (ROBBINS, 1998).

As teorias evoluíram rapidamente e, com uma nova forma de pensar e mais inovadora, surgiu a Teoria Situacional, que dá ênfase aos seguidores em relação ao líder. Essa teoria procura mostrar que, independentemente do que o líder faça, o resultado final dependerá das ações dos liderados. Esse entendimento foi negligenciado pelas correntes até aqui apresentadas. A Liderança Situacional tem algumas bases do método de Fiedler, porém avançou em pontos importantes, são eles: narrar, vender, participar e delegar. Conforme Robbins (1998), tais pontos podem ser assim definidos: Narrar: O líder define papéis e diz às pessoas o quê, como, quando e onde fazer várias tarefas.

A Teoria da Liderança Carismática é uma extensão da Teoria da Atribuição. Ela menciona que os líderes fazem avaliações heróicas dos liderados, quando esses líderes têm algumas características comportamentais. Os líderes conseguem uma confiança extremamente alta, domínio e fortes convicções em suas crenças. Líderes carismáticos conseguem envolvimento muito grande dos liderados, e isso deve acontecer devido ao alto grau de satisfação dos liderados em trabalhar com líderes que detêm características desse tipo de liderança.

2.3 CULTURA E LIDERANÇA POLÍTICA NO BRASIL

A colonização do Brasil teve o intuito exploratório. Portugal fez um planejamento de descobertas, simplesmente para aumentar sua dominação. Segundo Faoro (1976, p. 99), fica clara a intenção de Portugal que era “o descobridor, antes de ver a terra, antes de estudar as gentes, antes de sentir a presença da religião, queria saber de ouro e prata”.

Apesar do descobrimento no ano de 1500, somente em 1530 começaram as movimentações para povoar a nova terra. Inicialmente a nobreza de Portugal não teve grande interesse em investir nessa colonização, ao contrário do que ocorrera no reino e nas ilhas do Atlântico. As capitânias foram doadas aos membros da pequena nobreza: militares ligados à

conquista da Índia e da África e altos burocratas da corte, até então vinculados à administração dos longínquos territórios do Oriente (BUENO, 1998).

Levando-se em consideração essa herança, a sociedade brasileira enfrenta um grande desafio, que é o de construir o pensamento de igualdade social. As lideranças políticas no Brasil podem ser percebidas pelas comunidades como pessoas capazes de dar soluções a todos os problemas. No entanto, na medida em que os líderes políticos não conseguem atender às necessidades do liderados, surgem as frustrações (NUNES, 2008).

Nesse contexto, Faoro (1976, p. 323) afirma que:

A política brasileira tem a perturbá-la, intimamente, secretamente, desde os dias longínquos da independência, o sentimento de que o povo é uma espécie de vulcão adormecido. Todo perigo está em despertá-lo. Nossa política nunca aprendeu a pensar normalmente no povo, a aceitar a expressão da vontade popular como base da vida representativa.

O povo brasileiro é um povo que interage facilmente e se algum cidadão pertencente à comunidade procura viver uma vida mais reservada, poderá ser percebido como uma pessoa não simpática. É próprio da cultura brasileira essa interação, e isso é resultante da miscigenação de nossa população. Para Barros e Prates (1996, p. 37), “o indivíduo isolado e sem relações é considerado como altamente negativo, um ser marginal em relação aos outros membros da comunidade”.

Os brasileiros são cheios de esperança e podem usar a passividade como objeto de contínua manifestação dessa esperança, o que faz Faoro (1976, p. 323) afirmar que:

A política brasileira tem a perturbá-la, intimamente, secretamente, desde os dias longínquos da independência, o sentimento de que o povo é uma espécie de vulcão adormecido. Todo perigo está em despertá-lo. Nossa política nunca aprendeu a pensar normalmente no povo, a aceitar a expressão da vontade popular como base da vida representativa.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A abordagem escolhida para a realização desta pesquisa foi a qualitativa. De acordo com Richardson (1999, p. 79), a abordagem qualitativa é “uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”. Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999, p.131) apontam que as pesquisas qualitativas:

[...] partem do pressuposto de que as pessoas agem em funções de que suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado. Dessa posição decorrem as três características essenciais aos estudos qualitativos: visão holística, abordagem indutiva e investigação naturalística.

Este trabalho adotou como meio de investigação o estudo de caso com as comunidades das cidades de Santos Dumont, Ewbank da Câmara e Oliveira Fortes, localizadas na Zona da Mata do Estado de Minas Gerais. Trata-se de uma microrregião, na qual Santos Dumont é a cidade-polo. Conforme já mencionado, um dos autores é um agente político desta região e adotou o critério de acessibilidade como facilitador para obter os dados para pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos pelo critério de acessibilidade, sendo quatro representantes de cada uma das gerações: Tradicionalista, Tempos de Chumbo, Caras Pintadas e Y.

Os autores se permitiram adequar a classificação dessas gerações à realidade brasileira, em função dos acontecimentos políticos, sociais e econômicos de cada período histórico pré-determinado. Foram mantidos os períodos de classificação, porém, nomeou-se as gerações de maneira diferente: Geração Tradicionalista, nascidos entre 1923 e 1942; Geração Tempos de Chumbo, nascidos entre 1943 e 1964; Geração Caras Pintadas, nascidos entre 1965 e 1981, e Geração Y ou 3Ds os que compartilham nascimento entre 1982 e 2002.

Para identificação dos participantes iniciais buscou-se a ajuda de informantes locais, que, ao conhecerem as características informadas pelo pesquisador, puderam colaborar na escolha desses sujeitos. Ser liderança comunitária em sua cidade foi pré-requisito básico para escolha do pesquisador

Foram entrevistados 16 representantes da sociedade civil organizada, todos representantes de Associações comunitárias. Nove deles eram casados e tinham filhos. Dois eram divorciados e tinham filhos. Quatro eram solteiros, sendo um da Geração Tempos de Chumbo e quatro da Geração Y ou 3Ds, os solteiros não tinham filhos. Desses 16 entrevistados, 5 eram mulheres. Os representantes da Geração Tradicionalista foram os que mais falaram sobre os valores familiares e manifestaram mais convivência e interesse para com a vida política da cidade. No Quadro 1 apresenta-se as características centrais dos sujeitos da pesquisa.

Identificação/ Geração	Idade	Escolaridade	Estado civil	Código
Tradicionalista	66	Médio	Divorciado	T1
Tradicionalista	68	Médio	Casado	T2
Tradicionalista	70	Básico	Casado	T3
Tradicionalista	78	Superior	Casado	T4
Tempos de Chumbo	48	Básico	Casada	TC1
Tempos de Chumbo	56	Superior	Solteira	TC2
Tempos de Chumbo	49	Médio	Casada	TC3
Tempos de Chumbo	48	Médio	Casado	TC4
Caras Pintadas	43	Médio	Divorciado	CP1
Caras Pintadas	42	Médio	Casado	CP2
Caras Pintadas	44	Médio	Casado	CP3
Caras Pintadas	39	Superior	Casado	CP4
Y ou 3Ds	22	Médio	Solteiro	Y1
Y ou 3Ds	19	Médio	Solteira	Y2
Y ou 3Ds	20	Médio	Solteira	Y3
Y ou 3Ds	19	Médio	Solteira	Y4

Quadro 1 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa
Fonte: Dados da pesquisa.

Foi usada como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada, pois esta permite a interação social entre duas pessoas na qual uma delas é o entrevistador, que tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. A entrevista proporciona um clima de estímulo, o que leva a uma aceitação, possibilitando uma obtenção de informações. Elas foram realizadas nas residências dos representantes entre os meses de agosto de 2010 a janeiro de 2011, com duração média de sessenta e sete minutos.

Para Brandão (2000, p. 8), a entrevista exige empenho do pesquisador:

Reclama uma atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, obrigando-o a colocar-se intensamente à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado, além, é claro, dos tons, ritmos e expressões gestuais que acompanham ou mesmo substituem essa fala e isso exige tempo e esforço.

Para o tratamento dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Franco (2007) aponta que a preocupação com a análise de conteúdo da mensagem, do discurso e das informações é antiga, data da necessidade de interpretação das parábolas e metáforas bíblicas.

De acordo com Bardin (1997, p. 38),

a análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimento relativo às condições de produção e recepção das mensagens.

As categorias de análise dos resultados foram: pensamentos de uma geração sobre as demais; práticas das lideranças políticas; papéis e práticas dos líderes políticos; como surgem e são preparados os líderes políticos.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 PENSAMENTOS DE UMA GERAÇÃO SOBRE AS DEMAIS

Os representantes da Geração Tradicionalista entrevistados foram os que mais manifestaram interesse pela vida política da cidade. Eles viveram o período de governo do Presidente Getúlio Vargas e também a Segunda Grande Guerra Mundial. Acreditam que os líderes políticos de sua geração tiveram e têm papel importante nesse último século. A declaração de um dos representantes ressalta essa posição.

Nós temos exemplos bons da minha geração, muitos exemplos bons. Eles estão nessa liderança político-partidária, no executivo, nos governos, etc. Tem muitas pessoas dessa época que estão se mostrando e de uma maneira muito boa. Eu acho que, nesse aspecto, a contribuição tem sido muito grande (T1).

Quando perguntados sobre como cada geração percebe as demais nem todos se sentiram à vontade para fazer comparações. Os representantes que mais se manifestaram foram os da Geração Tradicionalista, que demonstraram confiança nas gerações que se sucederam.

Eu acho que nós sempre, uma geração tem sempre que criticar as outras gerações e esperar muito das próximas. Criticar aquelas que passaram, e esperar muito das que virão. Normalmente isso é a base da coisa, mas assim, eu acho que não só críticas não, todas as gerações contribuíram com o espaço que cada um tinha, com o espaço que cada geração teve, todos contribuíram de forma bastante positiva (T1).

Ao mesmo tempo, os representantes da Geração Tradicionalista acreditam que existem dificuldades por parte das gerações mais novas em conviver com adversidades.

São gerações que se pautaram por sonhar alto. Sonhar com um amanhã ensolarado, já a minha geração aceitava um amanhã nublado. Assim, se hoje está nublado, depois de amanhã vai estar ensolarado. E a geração de hoje não, eles já sonham com um amanhã ensolarado, não querem dia nublado não, como quem diz, eu quero o melhor (T2).

Os representantes da Geração Tempos de Chumbo acreditam que as novas gerações podem exercer melhor e com mais liberdade suas escolhas. Destaca-se que essa geração viveu intensamente o período de ditadura militar, que impunha censuras à população.

As gerações passadas exerciam uma liderança muito de imposição, de domínio, eu vejo assim, talvez fosse a maneira que o mundo vivia nessa era. Hoje os líderes são mais ponderados ou mais democráticos, são capazes de respeitar os valores e as diferenças, eu acho que hoje as lideranças são mais convictas e amenas. Convictas daquilo que lhes é confiado, mas mais ponderadas (TC2).

Perguntados sobre as gerações que os antecederam, representantes da Geração Y manifestaram a percepção de que as outras gerações, em particular a Geração Tradicionalista, querem se manter nas instâncias do poder político, e não viabilizam condições para inserção dos representantes das novas gerações.

Eu sobre a primeira geração, eu tenho muito pouco a dizer. Mas eu creio que essa geração tradicionalista é uma geração que eu creio que até hoje eles querem ganhar a qualquer custo, que é pra manter o seu posto, naquela imaginação que se ele sair de lá, aquela geração vai acabar, então são os famosos “gatos” que não ensinam o pulo pra ninguém, ele está sempre ali naquele lugar, ele não quer perder o espaço dele, não importa quem seja, se é melhor ou se vai fazer melhor, ele não quer perder aquele lugar dele ali, ele está sempre ali como quem diz: se eu perder, pelo menos o que eu sei, não vou passar pra ninguém (Y2).

4.2 PRÁTICAS DAS LIDERANÇAS POLÍTICAS

As práticas do líder político são intrínsecas à geração à qual ele pertence:

Olha, o que vinha antes era o seguinte, aquelas lideranças se reuniam entre eles, faziam o que deveria ser feito e todo mundo tinha que achar bom, porque não tinha participação, não tinha essa democracia que tem hoje, espaço democrático que tem hoje. Porque as pessoas tinham que aceitar, aquilo que chegava até a gente, tinha que aceitar e pronto acabou. Então acho assim, que uma das coisas que..., alguma coisa que marcou bastante foi a evolução do espaço democrático, houve um ganho de espaço democrático muito grande, a partir dos anos de chumbo, onde o espaço democrático se abriu bastante, e a tendência é abrir sempre mais (T1).

Alguns destacaram que as práticas peculiares na história cultural do Brasil continuam e passam de geração para geração, como o clientelismo político. Os representantes das Gerações Tempos de Chumbo e Y apresentaram resposta semelhantes.

Eu acho que não, aqui não, pelo que eu vejo, igual o meu irmão que trabalhou muito tempo na prefeitura, acho que é a mesma coisa. Acho que não mudou em nada, a pessoa é favorecida, vai ficando naquela troca de favores, por isso que a gente espera que seja aplicado na área de educação, pra pessoa sair fora disso e ver o que realmente é bom, o que é certo né, porque enquanto você depender você fica omissivo, você tem que... tomara que eles consigam se livrar disso (TC1).

Por exemplo, acho que na geração. Ah que teve mudanças, que teve uma diferença teve, mas acho que no fim o pensamento é praticamente o mesmo, sobre o que é liderança, da palavra liderança entendeu, acho que vai ser praticamente o mesmo entre essas gerações (Y4).

4.3 PAPÉIS E PRÁTICAS DOS LÍDERES POLÍTICOS

Sobre os papéis e as práticas dos líderes políticos, os respondentes manifestaram posições distintas. Um dos representantes da Geração Tradicionalista fez uma síntese a respeito de todas as gerações, destacando que os líderes de cada geração cumpriram e cumprem suas missões, sendo que as duas primeiras gerações tiveram papel importante no resgate da liberdade de expressão do povo brasileiro.

A geração tradicionalista hoje, como se diz está mais sentada na praça vendo a banda passar, já não está mais na vida. Muita gente já foi, foi chamada pelo Pai, os que estão ainda, já não tem mais aquela coragem, como se diz, os coronéis já tiraram a farda, hoje estão se limitam ao “pijama”. O pessoal da Tempos de Chumbo, que é o pessoal que viveu naquela fase de intranquilidade, de insegurança, de medo do amanhã, hoje já vê a posição atual, como se diz, com mais serenidade, eles já não têm mais aquele medo, nós já não temos uma inflação, a influência do estrangeiro no Brasil, o Brasil já aprendeu andar com as próprias pernas, vivi com um tranquilidade. Os caras pintadas continuam com os sonhos deles, e hoje trabalhando para poder assumir a posição deles, quer dizer, aquilo que nós conseguimos, ser livres, agora nós queremos, como se diz, usufruir dessa liberdade. E a geração Y está se preparando para dar continuidade (T2).

Representantes da Geração Tradicionalista, Geração Tempos de Chumbo e Caras Pintadas destacaram a necessidade de papéis mais claros e ações que tragam desenvolvimento para as cidades, melhorando as condições sociais.

Primeiro, emprego para todo mundo, trazer indústrias, a grande luta nossa é trazer indústrias, trazer alguma coisa que possa segurar o nosso povo por aqui, empregar, arrumar empregos, porque o rapaz hoje, a moça chegou aos 20 anos quer trabalhar e tem que ir embora, fazer concursos para o Banco do Brasil, pra outras coisas, então o que nós sempre lutamos é a possibilidade de trazer empresas pra aqui, pra gerar emprego e segurar o nosso povo aqui, esse foi o ideal de todos os três que eu te falei aqui, Humberto Ruffo e os outros dois (T4).

Olha, cada geração tem seus sonhos, suas expectativas né, a minha geração hoje, o que eu vivo, o que eu sonho, é o desenvolvimento sustentável; o que a gente busca é isso, para o meu município de Santos Dumont, eu não vou nem falar a nível de estado, de país e do mundo, que na sua entrevista abordou até fatos mundiais e eu vou falar por Santos Dumont, o que eu espero para Santos Dumont, das lideranças atuais da minha geração, na geração passada se sonhava com a democracia, com o voto direto, com a liberdade que foi alcançada com o fim da ditadura, hoje o meu

sonho, da minha geração é o desenvolvimento sustentável, na minha cidade acho que a gente tem que ter desenvolvimento, tem que ter emprego (CP4).

Diferentemente das manifestações das outras gerações, os representantes da Geração Y se manifestaram pela ética do líder político.

Bem, o que cada uma espera das suas lideranças políticas; eu espero que o meu líder político, seja ele dentro de um grupo, seja ele dentro da sociedade, seja ele dentro da política em si, é como político, enfim, aquele que está me representando, é que ele me represente bem as coisas nas quais eu acredito, é que ele me dê oportunidade de dizer eu não gostei disso, eu não concordo com isso, pra que não só a mim, claro, quando eu falo eu, eu quero dizer o povo inteiro, aquele que representa o que a minha geração quer. Aquele que procura defender os interesses do povo e não os interesses dele, não é porque eu penso de uma maneira que eu posso ir contra a vontade de todos aqueles que eu estou representando, eu tenho que ter uma postura ética quanto a isso, a gente espera sempre que quem esteja lá faça o melhor (Y2).

Representantes da Geração Y destacaram que a Geração Tradicionalista é resistente a assuntos modernos, como é caso da homofobia (discriminação por outra opção sexual), mas também alegaram que a Geração Caras Pintadas conseguiu tanta liberdade de expressão, que a Geração Y não sabe o que fazer com ela.

Os tradicionalistas são os mais conservadores, que hoje em dia você tem que ter mudanças, são novas pessoas, um mundo mais diferente, os tradicionalistas de certa forma não aceitam certas mudanças, a questão mesmo da homofobia, tem um pensamento mais antigo, mais rígido e que certas mudanças não podem acontecer. E a Geração Caras Pintadas, ela queria mais liberdade e a Geração Y já tem essa liberdade demais e está usando ela em excesso, talvez o que a Geração Caras Pintadas conquistou de liberdade, a Geração Y não soube utilizar. A Geração Y ela está assim, com tanta liberdade, ela teve tanta liberdade pra tanta coisa que está acabando de certa forma se perdendo (Y1).

4.4 COMO SURGEM E SÃO PREPARADOS OS LÍDERES POLÍTICOS

O surgimento da maioria dos líderes políticos está ligado ao bom relacionamento com sua comunidade. Características como carisma, simpatia e flexibilidade são de grande relevância para se obter apoio em processos eleitorais. De acordo com Jordão (2006, p. 139), “um ‘bom dia’, um ‘alô’ custa pouco e rende muito”. Devido a essa falta de pré-qualificação para o cargo, muitos líderes, após serem eleitos, se deparam com uma realidade totalmente diferente da que imaginavam. Aqueles que exercem a liderança política podem estar vivendo uma transição que faz com continuem sendo aceitos pelas suas comunidades como líderes, mas existe a necessidade de buscar o aperfeiçoamento de gestão competente. Afinal, conforme mencionado, para se obter o apoio em pleitos eleitorais, precisa-se externar grande carisma, mas, depois, são exigidas atribuições de gestores competentes, pois “os clientes estão se tornando cada vez mais exigentes e a concorrência se tornando cada vez mais acirrada. Os cidadãos querem que o setor público melhore seus serviços” (JORDÃO, 2006, p. 140).

Em nenhum momento, foi encontrada, na pesquisa bibliográfica, documental e nas falas dos respondentes, uma demonstração de que é necessária a preparação para exercer a liderança política. Quando perguntados sobre o que faz com que as pessoas ingressem na carreira política, respostas diversas foram reveladas pelos entrevistados. Representantes da

Geração Tradicionalista entendem que as pessoas ingressam na carreira política com a intenção de servir a suas comunidades.

Bom, o que faz uma pessoa ingressar na carreira política é a pessoa já trazer consigo aquela vontade de contribuir, mas de uma maneira assim através de ser um representante político eleito, que é o caso do vereador, do prefeito, do deputado, senador e etc. eu acho que a pessoa já trás consigo, dentro dele esse interesse maior. Porque simplesmente ele conseguir motivação em torno e ser uma pessoa que não liga para isso, e de repente ele muda e diz, eu quero ser um representante do povo (T1).

Para os representantes da Geração Caras Pintadas, aqueles que desejam se tornar líderes políticos devem buscar conhecimento a respeito do exercício dessa liderança. Também destacaram que muitos buscam a liderança política para ostentar o poder.

São várias as motivações para a pessoa entrar na carreira política, vou citar duas. Primeiro a questão da liderança nata, a pessoa que é líder, que quer ajudar, que quer contribuir e eu sinto isso muito de perto em várias pessoas, que são desprendidas de interesses privados, eu vejo muitas pessoas que têm uma vida consolidada, bem estabelecida, mas que quer se doar e às vezes se prejudica para tentar ser um líder político e ajudar a sua comunidade; essa é uma das motivações, é o lado bom de quem quer ser político. O outro é a motivação simplesmente do poder, de levar vantagem em cima do que a política pode te oferecer pessoalmente, esse é o lado ruim; é desvirtuamento da política, do sistema democrático (CP4).

Os representantes da Geração Y, apesar de se apresentarem mais alheios às questões políticas, evidenciaram em suas falas que é com o poder político que se promove mudanças necessárias nas cidades.

Eu acho que assim, a vontade de mudar alguma coisa, a vontade de você ver que certas coisas estão erradas, é a vontade de você estar ali construindo um lugar melhor, você lembrar, a pessoa lembrar sempre que vai estar trabalhando com aquilo ali e ela saber que tem que mudar alguma coisa no convívio na sua cidade, mudar certas coisas, ou então aceitar tudo com ta (Y1).

Com as falas extraídas dos representantes das quatro gerações, pode-se constatar que existe um consenso no sentido de que os líderes políticos são pessoas que devem buscar maior igualdade social entre as várias classes sociais. Nesse sentido, pode-se entender que para se conseguir exercer a liderança política, é necessário gozar de credibilidade dentro comunidade, porém, ao se atingir o objetivo de ocupar a liderança política será necessário deter um conhecimento maior sobre economia e legislação com a finalidade de alcançar os resultados esperados pelas comunidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tornou possível refletir que exercer a liderança com proximidade dos liderados é a principal característica que o líder político precisa ter. Para a Geração Caras Pintadas, os líderes precisam reunir carisma, preparo e competência para o exercício da liderança. Na percepção da Geração Y, o espaço para exercer a liderança política é muito restrito, pois as gerações anteriores se perpetuam no exercício da liderança. Ao analisar as práticas desses líderes, os entrevistados manifestaram desconforto com o crescimento da corrupção entre os líderes políticos. Apesar de a cultura mudar gradativamente, até pouco tempo ainda era normal pessoas votarem em algum líder político por um benefício pessoal. O

alto índice de aceitação com que o presidente Lula terminou o segundo mandato, por exemplo, pode estar ligado aos programas sociais desenvolvidos e incorporados em seu governo, como o Bolsa Família.

Além disso, esta pesquisa confirmou que a maioria dos líderes políticos surge pela proximidade e exercício de atividades em suas comunidades, e alguns por terem grande visibilidade na mídia, o que faz com que obtenham muitos votos ao se candidatarem. Detectou-se que não existe uma preparação para o exercício dessa liderança. É comum que esses líderes cheguem ao primeiro mandato eletivo sem saberem quais serão suas atribuições ou até mesmo estarem ocupando a liderança em mandatos sucessivos sem terem o conhecimento pleno dessas atribuições. Nesse sentido, destaca-se que a falta de preparação pode ser também dos eleitores que proporcionam que esses líderes sejam eleitos. Assim, por ser o Brasil um país em desenvolvimento, é possível que ao melhorar o sistema educacional do país, também melhorar-se-á a cultura e a condição seletiva das pessoas, para que possam escolher seus líderes políticos. Sugere-se que o sistema educacional seja debatido e revisto pelas lideranças políticas, pois conclui-se que as mudanças necessárias começam pela educação.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70.
- BARROS, Betânia Tanure; PRATES, Marco Aurélio Spyer. **O estilo brasileiro de administrar**. São Paulo: Atlas, 1996.
- BERGAMINI, C. W. **Liderança: administração do sentido**. São Paulo: Atlas, 1994.
- BERGANIN, M. **Nasce um povo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- BRANDÃO, Z. **Técnica de coleta de dados**. Brasília: Iber, 2000.
- BUENO, Eduardo. **Capitães do Brasil: A saga dos primeiros colonizadores**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- CONGER, J. **Quem é a geração X?**. In: JÚLIO, C. A.; SALIBI NETO, J. (Org.). **Liderança e gestão de pessoas: autores e conceitos**. São Paulo: Publifolha, 2002. p. 63-79.
- CORTELLA, M. S.; MUSSAK, E. **Liderança em foco**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- DREIFUSS, R. A. **1964: A conquista do Estado, ação política, poder e golpe de classe**. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- FAORO, R. **Os donos do poder**. Rio Grande do Sul: Perspectiva, 1976.
- FOLHA, online. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/809691-justica-eleitoral-de-sao-paulo-aceita-denuncia-contra-tiririca.shtml>>. Acesso em 03 Fev. 2011.
- JORDÃO, S. D. **A arte de liderar: Vivenciando mudanças num mundo globalizado**. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.
- LUDKE, M.; ANDRÉ M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora EPU, 1986.

NUNES, Eduardo Pereira. **História oral.** Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/historiaoral/perfil.php?id_servidor=75> Acesso 28 jan. 2010.

OLIVEIRA, S. **Geração Y a era das conexões.** São Paulo: Clube de editores, 2009.

PENTEADO, P. **Técnica de chefia e liderança.** Rio de Janeiro: Forense, 1978.

PEREIRA, G. B. **Vários olhares e saberes:** efeitos do imaginário sobre liderança nos procedimentos de treinamento e desenvolvimento de líderes organizacionais. Dissertação de Mestrado em Administração. 180f. Belo Horizonte: FEAD, 2005.

ROBBINS, S. P. **Comportamento organizacional.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Metodologia em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, Robert K. **Estudo de caso.** São Paulo: Bookman, 2001.